

PROF. DIEGO BORGES

SACRAMENTOS

DA IGREJA

Conheça a beleza e eficácia
dos Sacramentos de nossa Igreja



ESCOLA DE
FORMAÇÃO
PERMANENTE

EDIÇÕES
DIGITAIS

PROF. DIEGO BORGES

SACRAMENTOS

DA IGREJA



**ESCOLA DE
FORMAÇÃO**
PERMANENTE

EDIÇÕES
DIGITAIS

SACRAMENTOS DA IGREJA



“Amar incondicionalmente a Jesus Crucificado e Abandonado, partindo da Cruz do Senhor para chegar aos crucificados deste mundo!”

**EXTRAÍDO DO CADERNO DE ESTUDO
CURSO DE CATECISMO**

São José do Norte, RS

ESCOLA DE FORMAÇÃO PERMANENTE
CNPJ 20.514.037.0001-45

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| SACRAMENTOS DA IGREJA..... | 6 |
| 1. A Igreja de Jesus..... | 6 |
| 2. Sacramento do Batismo..... | 8 |
| 3. Sacramento da Confirmação..... | 10 |
| 4. Sacramento da Eucaristia..... | 13 |
| 5. Sacramento da Reconciliação..... | 16 |
| 6. Sacramento da Unção dos Enfermos..... | 19 |
| 7. Sacramento da Ordem..... | 22 |
| 8. Sacramento do Matrimônio..... | 25 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 29 |

PREFÁCIO

Olá caríssimo irmão, paz e força!

Este material que você acaba de receber, por ter se inscrito em nosso site, é uma extração de um material maior e mais denso, acompanhado de áudio aulas, presente em nosso Curso de Catecismo. Eu tive a ideia de disponibilizar em forma de um e-book este material de formação para que você pudesse ter um contato com algo, de tudo o que estamos desenvolvendo em nossa plataforma de formação.

Você terá a oportunidade de entrar naquilo que é o segundo módulo de nosso curso, analisando cada um dos Sacramentos de nossa Igreja. Esta abordagem é toda pautada por citações do próprio documento *Catecismo da Igreja Católica*, o que fundamenta de forma ampla a temática trabalhada.

Aconselho ter sempre em mãos o próprio documento para que você possa acompanhar as leituras e citações diretamente no Catecismo e na Sagrada Escritura quando for solicitado.

Por fim, faço votos de que este pequeno livro digital aguce sua curiosidade para ter em mãos nosso caderno de estudos completo, bem como todas as aulas do Curso de Catecismo, o que, com toda certeza, te dará uma visão ampla e segura sobre a doutrina da Igreja.

Boa Leitura,

Prof. Diego Borges

SACRAMENTOS DA IGREJA

1. A Igreja de Jesus

Os sacramentos pertencem a esta Igreja e ela foi fundada pelo próprio Cristo, na pessoa de Pedro, confirmada depois de sua paixão. Nesse sentido, a missão da Igreja que foi fundada em Pedro é a de levar a Salvação Sacramental a todos os povos.

Cabe ao Filho realizar, na plenitude dos tempos, o plano de salvação de seu Pai. Este é o motivo de sua missão. O Senhor Jesus iniciou sua Igreja, pregando a Boa Nova, isto é, o advento do Reino de Deus prometido nas Escrituras havia séculos. Para cumprir a vontade do Pai, Cristo inaugurou o Reino dos Céus na terra. A Igreja é o Reino de Cristo já misteriosamente presente.

Este Reino manifesta-se lucidamente aos homens na palavra, nas obras e na presença de Cristo. Acolher a palavra de Jesus é acolher o próprio Reino. A semente e o começo do Reino são o “pequeno rebanho” (Lc 12,32) dos que Jesus veio convocar em torno de si, dos quais ele mesmo é o pastor. Eles constituem a verdadeira família de Jesus. Aos que assim reuniu em torno dele, ensinou uma maneira de agir nova e também uma oração própria.

O Senhor Jesus dotou sua comunidade de uma estrutura que permanecerá até a plena consumação do Reino. Há antes de tudo a escolha dos Doze, com Pedro como seu chefe. Representando as doze tribos de Israel, eles são as pedras de fundação da nova Jerusalém. Os Doze e os outros discípulos participam da missão de Cristo, de seu poder, mas também de sua sorte. Por meio de todos esses atos, Cristo prepara e constrói sua Igreja.

A Igreja nasceu primeiro do dom total de Cristo para nossa salvação, antecipado na instituição da Eucaristia e realizado na cruz. O começo e o crescimento da Igreja são significados pelo sangue e pela água que saíram do lado aberto de Jesus crucificado. Pois do lado de Cristo agonizante na Cruz é que nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja. Da mesma forma que Eva foi formada do lado de Adão adormecido, assim a Igreja nasceu do coração traspassado de Cristo morto na cruz.

Terminada a obra que o Pai havia confiado ao Filho para realizar na terra, foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes para santificar a Igreja permanentemente. Foi então que a Igreja se manifestou publicamente diante da multidão e começou a difusão do Evangelho com a pregação. Por ser convocação de todos os homens para a salvação, a Igreja é, por sua própria natureza, missionária enviada por Cristo a todos os povos para fazer deles discípulos.

Para realizar sua missão, o Espírito Santo dota e dirige a Igreja mediante os diversos dons hierárquicos e carismáticos. Por isso a Igreja, enriquecida com os dons de seu Fundador e empenhando-se em observar fielmente seus preceitos de caridade, humildade e abnegação, recebeu a missão de anunciar o reino de Cristo e de Deus e de estabelecê-lo em todos os povos. Deste reino ela constitui na terra a semente e o início. (CIC 763-768)

LEIA MATEUS 16, 18-19 (Fundada em Pedro)

LEIA JOÃO 21, 15-17 (confirmada)

Esta Igreja permanece viva até nossos dias, atravessando todos os períodos da história, a mais de dois mil anos. Graças a esta unidade da Igreja é que chegou até nós

todas as graças que Cristo nos deixou. Se esta é a verdadeira Igreja de Cristo, como ela derrama sobre a mundo o poder do Messias?

As palavras e as ações de Jesus, durante sua vida oculta e durante seu ministério público, já eram salvíficas. Antecipava o poder de seu mistério pascal. Anunciavam e preparavam tudo o que ele havia de dar à Igreja quando tudo tivesse sido realizado. Os mistérios da vida de Cristo são os fundamentos daquilo que agora, por meio dos ministros de sua Igreja, Cristo dispensa nos sacramentos, pois aquilo que era visível em nosso Salvador passou para seus mistérios.

Os sacramentos são forças que saem do corpo de Cristo, sempre vivo e vivificante; são ações do Espírito Santo operante no corpo de Cristo, que é a Igreja; são “as obras-primas de Deus” na Nova e eterna Aliança. (CIC 1115-1116)

Os sacramentos

Como sabemos são sete os sacramentos da Igreja e estes sacramentos foram deixados para salvar a humanidade, ou seja, é Cristo, pela virtude de sua Cruz, que continua salvando através da Igreja. São Eles:

- 1) Batismo
- 2) Confirmação (crisma)
- 3) Eucaristia
- 4) Penitência
- 5) Unção dos Enfermos
- 6) Ordem
- 7) Matrimônio

2. Sacramento do Batismo

Junto com o sacramento da confirmação e da eucaristia, fazem parte dos chamados **Sacramentos da iniciação Cristã**. Batismo vem do grego “Baptízen” que significa mergulho e realiza o sepultamento da criatura na morte de Cristo, dando a ela a graça de uma vida nova em sua Ressurreição. Faz do batizado um filho de Deus!

Este banho é denominado iluminação, porque aqueles que recebem este ensinamento (catequético) têm o espírito iluminado... Depois de, no Batismo, receber o Verbo, “a luz verdadeira, que vindo ao mundo a todos ilumina” (Jo 1,9), o batizado, após ter sido iluminado, se converte em luz no Senhor e em “luz” ele mesmo (Ef 5,8):

O Batismo é o mais belo e o mais magnífico dom de Deus. [...] Chamamo-lo de dom, graça, unção, iluminação, veste de incorruptibilidade, banho de regeneração, selo e de tudo o que há e existe de mais precioso. *Dom*, porque é conferido àqueles que nada trazem; *graça*, porque é dado até a culpados; *batismo*, porque o pecado é sepultado na água; *unção*, porque é sagrado e régio (tais são os que são ungidos); *iluminação*, porque é luz resplandecente; *veste*, porque cobre nossa vergonha; *banho*, porque lava; *selo*, porque nos guarda e é o sinal do senhorio de Deus. (CIC 1216)

Sinais do Batismo no Antigo Testamento

A Igreja vê já no antigo testamento sinais que serviram como imagem antecipada (prefigurada) do batismo a ser realizada na antiga aliança, como por exemplo: Noé e o Dilúvio, Moisés e a travessia do Mar Vermelho (libertação do povo cativo no Egito) etc.

O Batismo de Jesus também foi um sinal, tendo em vista que ele não precisava do batismo de João Batista que servia de arrependimento dos pecados. No entanto, Jesus nos dá seu testemunho e Ele mesmo nos dará o verdadeiro batismo.

Todas as prefigurações da antiga aliança encontram sua realização em Cristo Jesus. Ele começa sua vida pública depois de se ter feito batizar por São João Batista, no Jordão. Após sua ressurreição, ele confere esta missão aos Apóstolos: “Ide, pois fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado” (Mt 28,19-20).

Nosso Senhor submeteu-se voluntariamente ao batismo de São João, destinado aos pecadores, para cumprir toda a justiça. Este gesto de Jesus é uma manifestação de seu aniquilamento. O Espírito que pairava sobre as águas da primeira criação desce então sobre Cristo, como prelúdio da nova criação, e o Pai manifesta Jesus como seu filho amado. (CIC 1223-1224)

O Batismo na Igreja

Este sacramento vem sendo realizado na Igreja desde as origens, como resposta ao mandato do Senhor e tem como condição a adesão a fé. Sobre esta verdade Paulo nos fala, leia **Romanos 6, 3-4**.

Nos primeiros anos da Igreja o batismo era administrado após uma simples adesão do indivíduo a fé como vemos em **Atos 16, 28-33**.

A medida da intensificação das perseguições dos romanos e judeus a Igreja vê a necessidade de uma preparação mais rigorosa chamada *Catecumenato*, processo que durava em torno de 3 anos.

Efeitos do batismo na vida daqueles que o recebem

- Remissão dos Pecados (CIC 1263)
- Nova Criatura (CIC 1265)
- Enxertados no Corpo de Cristo (CIC 1267)
- Unidade dos Cristãos (CIC 1271)
- Selo, sinal que ninguém apaga (CIC 1272 até 1274)

3. Sacramento da Confirmação

Faz parte do **sacramento de iniciação cristã** junto com o batismo e a eucaristia. No início o Crisma era administrado em conjunto com o batismo, pelo Bispo. No entanto, com o crescimento da igreja e a impossibilidade de o Bispo estar em todas as comunidades cristãs, houve a separação temporal entre os dois sacramentos. Assim, o batismo passou a ser realizado pelos presbíteros e o crisma na fase adulta é administrado pelo Bispo.

No oriente, ainda hoje, os sacramentos são realizados conjuntamente e o Crisma é administrado logo após o Batismo. No entanto, o óleo é ungido pelo patriarca (bispo) previamente.

Nos primeiros séculos, a Confirmação geralmente constitui uma só celebração com o Batismo, formando com este, segundo a expressão de São Cipriano, um sacramento duplo. Entre outros motivos, a multiplicação dos batizados de crianças, estendendo-se por todo o ano, e a multiplicação das paróquias (rurais), que amplia as dioceses, não permitem mais a presença do Bispo em todas as celebrações batismais. No Ocidente, visto que se deseja reservar ao Bispo a complementação do Batismo, instaura-se a separação dos dois sacramentos em dois diferentes momentos. O Oriente manteve juntos os dois sacramentos, tanto que a Confirmação é ministrada pelo presbítero que batiza, o qual, todavia, não pode fazê-lo senão com o *mýron* consagrado por um Bispo. (CIC 1290)

O que é de fato o Crisma?

É a consumação do batismo e realiza a Efusão do Espírito através da imposição das mãos, realizada pelo Bispo. Plenifica a graça batismal.

Porque é necessário recebê-lo?

O objetivo e a ação do crisma é levar o batismo a plenitude, dando ao eleito a graça da unção que o próprio Messias possui e que comunica a todos os membros de seu corpo.

Ora, esta plenitude do Espírito não devia ser apenas a do Messias; devia ser comunicada a todo o povo messiânico. Cristo prometeu, por várias vezes, esta efusão do Espírito, promessa que realizou primeiro no dia da Páscoa e, em seguida, de maneira mais marcante, no dia de Pentecostes. Repletos do Espírito Santo, os Apóstolos começam a proclamar “as maravilhas de Deus” (At 2,11), e Pedro começa a declarar que esta efusão do Espírito é o sinal dos tempos messiânicos. Os que então

creram na pregação apostólica e se fizeram batizar também receberam o dom do Espírito Santo.

Desde então, para cumprir a vontade de Cristo, os Apóstolos comunicaram aos neófilos, pela imposição das mãos, o dom do Espírito que leva a graça do Batismo à sua consumação. Por isso, na Epístola aos Hebreus, entre os elementos da primeira instrução cristã, encontra-se a doutrina sobre os batismos e também sobre a imposição das mãos. A imposição das mãos é, com razão, reconhecida pela tradição católica como a origem do sacramento da Confirmação que, de certo modo, perpetua, na Igreja, a graça de Pentecostes. (CIC 1287-1288)

O crisma é como um selo espiritual, agora recebido conscientemente, de pertença a Cristo e seu Reino. Faz memória a marca deixada nas portas das casas dos hebreus, no antigo testamento, sinalizando a pertença daqueles ao Senhor, por isso eles foram poupados de sofrer a morte. Assim, também, o crisma realiza em nós essa marca de pertença ao Senhor.

Por esta unção, o confirmando recebe a marca, o selo do Espírito Santo. O selo é o símbolo da pessoa, sinal de sua autoridade, de sua propriedade sobre um objeto. Assim, os soldados eram marcados com o selo de seu chefe, e os escravos com o de seu proprietário. O selo autentica um ato jurídico ou um documento e o torna eventualmente secreto.

Cristo mesmo se declara marcado com o selo de seu Pai. Igualmente o cristão está marcado por um selo – “É Deus que nos confirma, a nós e a vós, em nossa adesão a Cristo, como também é Deus que nos ungiu. Foi ele que imprimiu em nós a sua marca e nos deu como garantia o Espírito derramado em nossos corações” (2Cor 1,21-22; cf. Ef 1,13; 4,30). Este selo do Espírito Santo marca a pertença total a Cristo, o colocar-se a seu serviço, para sempre, mas também é a promessa da proteção divina na grande prova escatológica. (CIC 1295-1296)

Quem pode receber o Crisma?

Todo batizado não só pode como deve receber o sacramento, que conjuntamente com o batismo e a eucaristia formam uma unidade.

Todo batizado ainda não confirmado pode e deve receber o sacramento da Confirmação. Pelo fato de o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia formarem uma unidade, segue-se que os fiéis têm a obrigação de receber, no devido tempo, esse sacramento, pois sem a Confirmação e a Eucaristia, o sacramento do Batismo é, sem dúvida, válido e eficaz, mas a iniciação cristã permanece inacabada. (CIC 1306)

Efeitos operados pelo Crisma

→ Efusão do Espírito Santo

→ Fortalecimento da filiação divina

- Uni solidamente a Cristo
- Aumenta os dons do Espírito
- Nos une a Igreja
- Dá-nos forma para defender a fé

4. Sacramento da Eucaristia

Faz parte dos **sacramentos da iniciação cristã** junto com o batismo e o crisma. A Eucaristia é o centro não só dos sacramentos da iniciação cristã, como também é o centro de toda a vida cristã, de toda a vida da igreja. Temos já no antigo testamento sinais prefigurativos da eucaristia nas ofertas do Rei Melquisedec.

LEIA GÊNESIS 14, 18-20

Foi instituída pelo próprio Cristo como podemos constatar em **Lucas 22, 7-20** e sempre foi realizada pela igreja ao longo dos séculos e desde de seu início, como pode ser visto em **Atos 2, 42**.

A eucaristia é celebrada desde sua origem como a vemos celebrada hoje em suas divisões e organização. Vejamos a carta de *São Justino* ao Imperador Pagão Antônio Pio.

Desde o século II, temos o testemunho de São Justino Mártir sobre as grandes linhas do desenrolar da celebração eucarística. Elas permanecem as mesmas, até nossos dias, para todas as grandes famílias litúrgicas. Ele assim escreve, pelo ano de 155, para explicar ao imperador pagão Antonino Pio (138-161) o que fazem os cristãos:

“No dia ‘do Sol’, como é chamado, reúnem-se num mesmo lugar os habitantes, quer das cidades, quer dos campos. Leem-se, na medida em que o tempo permite, ora os comentários dos Apóstolos, ora os escritos dos Profetas. Depois, quando o leitor terminou, o que preside toma a palavra para aconselhar e exortar à imitação de tão sublimes ensinamentos. A seguir, nos colocamos todos de pé e elevamos nossas preces por nós mesmo [...] e por todos os outros, onde quer que estejam, a fim de sermos de fato justos por nossa vida e por nossas ações, e fiéis aos mandamentos, para assim obtermos a salvação eterna. Quando as orações terminaram, nos saudamos uns aos outros com um beijo. Em seguida, leva-se àquele que preside aos irmãos um pão e um cálice de água e de vinho misturados.

Ele os toma e faz subir louvor e glória ao Pai do universo, no nome do Filho e do Espírito Santo e rende graças (em grego: ‘*eucharístian*’, que significa ‘ação de graças’) longamente pelo fato de termos sido julgados dignos destes dons.

Terminadas as orações e as ações de graça, todo o povo presente aclama, dizendo: Amém.

Depois de o presidente ter feito a ação de graças e o povo ter respondido, os que entre nós se chamam diáconos distribuem a todos os que estão presentes pão, vinho e água ‘eucaristizados’ e levam (também) aos ausentes”. (CIC 1345)

Jesus está realmente na eucaristia em sua humanidade e divindade, é realmente a carne de Cristo que comungamos. Foi tão forte este ensinamento dado por Jesus aos discípulos que muitos o abandonaram e já não mais andavam com ele.

LEIA JOÃO 6, 47-68

A Santa Missa

Não é um outro sacrifício, pois o sacrifício que nos salva aconteceu uma única vez na Cruz do Calvário. Assim, fazer “em memória” é tornar presente e atual o mesmo sacrifício de Jesus. O Espírito Santo presentifica o mesmo calvário, o mesmo sacrifício e o mesmo Cristo que se entregou uma única vez, além também da ressurreição presente e atualizada em cada Santa Missa.

O memorial recebe novo sentido no Novo Testamento. Quando a Igreja celebra a Eucaristia, rememora a páscoa de Cristo, e esta se torna presente: o sacrifício que Cristo ofereceu, uma vez por todas, na cruz, torna-se sempre atual: Todas as vezes que se celebra no altar o sacrifício da cruz, pelo qual Cristo nessa páscoa foi imolado, efetua-se a obra de nossa redenção.

Por ser memorial da páscoa de Cristo, a Eucaristia é também um sacrifício. O caráter sacrificial da Eucaristia é manifestado nas próprias palavras da instituição: “Isto é o meu Corpo que será entregue por vós”, e “Este cálice é a nova aliança no meu Sangue, que é derramado por vós” (Lc 22,19-20). Na Eucaristia, Cristo dá este mesmo corpo que entregou por nós na cruz, o próprio sangue “que é derramado em favor de muitos, para remissão dos pecados” (Mt 26,28). (CIC 1364-1365)

Quem consagra, celebra e dá a eucaristia é o próprio Cristo. Por isso o corpo de Cristo está presente apenas na Igreja que manteve a Sucessão Apostólica. Na consagração acontece o que a Igreja chama de **transubstanciação**.

O Concílio de Trento resume a fé católica ao declarar: Por ter Cristo, nosso Redentor, dito que aquilo que oferecia sob a espécie do pão era verdadeiramente seu Corpo, sempre se teve, na Igreja, esta convicção, que o santo Concílio declara novamente: pela consagração do pão na substância do Corpo de Cristo nosso Senhor e de toda a substância do vinho na substância do seu Sangue. A esta mudança, a Igreja católica denominou, com acerto e exatidão, transubstanciação.

A presença eucarística de Cristo começa no momento da consagração e perdura enquanto subsistirem as espécies eucarísticas. Cristo está presente inteiro em cada uma das espécies e inteiro em cada uma de suas partes, de maneira que a fração do pão não divide o Cristo. (CIC 1376-1377)

No sacrifício de Cristo, a eucaristia celebrada a cada Santa Missa, toda a igreja está presente em unidade, todo o povo de Deus unido ao cordeiro entregue livremente para ser imolado em nosso resgate. Nesse sentido, a única Igreja de Cristo, em seus três estados – *militante, padecente e triunfante* – encontram-se em profunda comunhão.

À oferenda de Cristo unem-se não somente os membros que estão ainda na terra, mas também os que já estão na glória do céu: é em comunhão com a santíssima Virgem Maria e fazendo memória dela, assim como de todos os santos e santas, que a Igreja

oferece o sacrifício eucarístico. Na Eucaristia, a Igreja, com Maria, está como que ao pé da cruz, unida à oferta e à intercessão de Cristo.

O sacrifício eucarístico é também oferecido pelos fiéis defuntos que morreram em Cristo e não estão ainda plenamente purificados, para que possam entrar na luz e na paz de Cristo:

Enterrai este corpo onde quer que seja! Não tenhais nenhuma preocupação por ele! Tudo o que vos peço é que vos lembreis de mim no altar do Senhor onde quer que estejais.

Em seguida, (na anáfora) oramos pelos santos Padres e Bispos que faleceram, e em geral por todos os que adormeceram antes de nós, acreditando que haverá muito grande benefício para as almas, em favor das quais a súplica é oferecida, enquanto se encontra presente a santa e tão temível vítima [...]. Ao apresentarmos a Deus nossas súplicas pelos que adormeceram, ainda que fossem pecadores, nós [...] apresentamos o Cristo imolado por nossos pecados, tornando propício, para eles e para nós, o Deus amigo dos homens.

Santo Agostinho resumiu admiravelmente esta doutrina que nos impulsiona a uma participação cada vez mais completa no sacrifício de nosso redentor, que celebramos na Eucaristia:

Esta cidade remida toda inteira, isto é, a assembleia e a sociedade dos santos, é oferecida a Deus, como um sacrifício universal, pelo Sumo Sacerdote que, sob a forma de escravo, chegou a ponto de oferecer-se por nós em sua paixão, para fazer de nós o corpo de uma Cabeça tão grande. [...] Este é o sacrifício dos cristãos: “Embora muitos, somos em Cristo um só corpo” (Rm 12,5). Este sacrifício, a Igreja não cessa de reproduzir no sacramento do altar, bem conhecido pelos fiéis, onde se vê que naquilo que oferece, se oferece a si mesma. (CIC 1370-1372)

Frutos da Eucaristia

- Aumenta nossa união com Cristo (CIC 1391)
- Separa-nos do pecado (CIC 1393)
- Fortalece a unidade da Igreja (CIC 1396)
- Sinal concreto da unidade entre os Cristãos (CIC 1398)

5. Sacramento da Reconciliação

Junto com a unção dos enfermos pertencem ao grupo chamado **sacramentos de cura**. Este sacramento é um ato de reconciliação com Deus e sua Igreja, pela ofensa feita a ambos, através do nosso pecado.

Pelos sacramentos da iniciação cristã, o homem recebe a vida nova de Cristo. Ora, esta vida nós a trazemos “em vasos de barro” (2Cor 4,7). Agora, ela ainda se encontra “escondida com Cristo em Deus” (Cl 3,3). Estamos ainda em nossa morada terrestre, sujeitos ao sofrimento, à doença e à morte. Esta nova vida de filhos de Deus pode se tornar debilitada e até perdida pelo pecado.

O Senhor Jesus Cristo, médico de nossas almas e de nossos corpos, que remiu os pecados do parálítico e restituiu-lhe a saúde do corpo, quis que sua Igreja continuasse, na força do Espírito Santo, sua obra de cura e de salvação, também junto de seus próprios membros. É esta a finalidade dos dois sacramentos de cura: o sacramento da Penitência e o sacramento da Unção dos Enfermos.

Aqueles que se aproximam do sacramento da Penitência obtêm, da misericórdia divina, o perdão da ofensa feita a Deus e, ao mesmo tempo, são reconciliados com a Igreja, que feriram, ao pecarem, e a qual colabora para sua conversão com caridade, exemplo de orações. (CIC 1420-1422)

Para que um sacramento da penitência se o batismo apaga o pecado original?

O Batismo apaga o pecado original – *que é uma condição, não um ato* – e todos os pecados pessoais até o momento. No entanto, nossa liberdade e a tendência ao erro, como consequência de nossa natureza enfraquecida, permanecem. Assim, a penitência tem a função de auxiliar no processo de cura destas inclinações ao erro, forjando a vida nova a partir do combate cristão diário contra o pecado.

A conversão a Cristo, o novo nascimento pelo Batismo, o dom do Espírito Santo, o Corpo e o Sangue de Cristo recebidos como alimento nos tornaram “santos e íntegros diante dele” (Ef 1,4), como a própria Igreja, esposa de Cristo, é “santa e sem defeito” (Ef 5,27). Entretanto, a nova vida, recebida na iniciação cristã, não suprimiu a fragilidade e a fraqueza da natureza humana, nem a inclinação ao pecado, que a tradição chama de concupiscência, as quais continuam nos batizados para prová-los no combate da vida cristã, auxiliados pela graça de Cristo. É o combate da conversão para chegar à santidade e à vida eterna, para a qual somos incessantemente chamados pelo Senhor. (CIC 1426)

A conversão é um processo que necessita da graça do sacramento da penitência. No entanto, para ter acesso é preciso pedir a Deus o arrependimento, a chamada

“penitência interior” sem o qual o sacramento perde o sentido. Com coração arrependido devemos nos aproximar da misericórdia manifesta e operante através da reconciliação. É Deus quem perdoa através do Sacerdote!

A penitência interior é reorientação radical de toda a vida; retorno; conversão para Deus de todo nosso coração; ruptura com o pecado; aversão ao mal; repugnância à más obras que cometemos. Ao mesmo tempo, é o desejo e a resolução de mudar de vida com a esperança da misericórdia divina e a confiança na ajuda de sua graça. Esta conversão do coração vem acompanhada de dor e tristeza salutares, denominadas pelos Padres *animi cruciatus* (aflição do espírito), *compunctio cordis* (arrependimento do coração).

O coração do homem apresenta-se pesado e endurecido. É preciso que Deus dê ao homem um coração novo. A conversão é, antes de tudo, obra da graça de Deus que reconduz nossos corações a ele: “Faze-nos voltar a ti, Senhor, e voltaremos” (Lm 5,21). Deus nos dá a força de começar de novo. Ao descobrir a grandeza do amor de Deus, nosso coração experimenta o horror e o peso do pecado e começa a ter medo de ofender a Deus pelo mesmo pecado e de ser separado dele. O coração humano converte-se, olhando para aquele que foi traspassado por nossos pecados.

Fixemos nossos olhos no sangue de Cristo, a fim de compreender como ele é precioso a seu Pai, porque derramado para a nossa salvação dispensou ao mundo inteiro a graça do arrependimento. (CIC 1431-1432)

O poder de perdoar os pecados foi dado a Pedro e depois aos seus colaboradores. Através da Sucessão Apostólica esta graça está em ação no Papa e seus colaboradores, os Bispos e Padres.

As palavras ligar e desligar significam: aquele que excluirdes da vossa comunhão, será excluído da comunhão com Deus; aquele que receberdes de novo na vossa comunhão, Deus o acolherá também na sua. A reconciliação com a Igreja é inseparável da reconciliação com Deus. (CIC 1445)

LEIA MATEUS 16, 18-19 (Pedro)

LEIA MATEUS 18, 18 (Colaboradores)

É preciso confessar os pecados para acessar esta graça sacramental, enumerando os atos cometidos que se tem consciência. *São Jerônimo* Orienta:

A confissão individual e íntegra e a absolvição constituem o único modo ordinário pelo qual o fiel, consciente de pecado grave, se reconcilia com Deus e com a Igreja; somente a impossibilidade física ou moral dispensa a tal confissão. Há razões profundas para isso. Cristo age em cada um dos sacramentos. Dirige-se pessoalmente a cada um dos pecadores: “Filho, os teus pecados estão perdoados” (Mc 2,5). Ele é o médico que se debruça sobre cada um dos doentes que têm necessidade dele para curá-los; ele os levanta e reintegra na comunhão fraterna. A confissão pessoal é, pois, a forma mais significativa de reconciliação com Deus e com a Igreja. (CIC 1484)

Os **Pecados Mortais** ferem diretamente os 10 mandamentos e somente o sacramento da penitência os perdoa. Já os **Pecados Veniais** – originado de vênia, que significa perdão em latim – são perdoados na missa no momento do perdão e são aqueles pecados leves ou cotidianos que não ferem diretamente os 10 mandamentos.

Efeitos produzidos pela penitência

- Reconciliação com Deus
- Reconciliação com a Igreja
- Remissão da pena eterna (pecado mortal)
- Remissão, em parte, das penas temporais
- Paz, serenidade de consciência
- Consolação Espiritual
- Força Espiritual para o Combate Cristão

LEIA JOÃO 20, 21-23

6. Sacramento da Unção dos Enfermos

Junto com o Sacramento da Penitência, faz parte dos chamados **Sacramentos de Cura**. Para entender melhor o sentido e a função deste sacramento será necessário compreender um pouco a realidade da *enfermidade humana*.

Depois do pecado original a enfermidade passou a ser realidade presente na vida humana e sendo uma realidade limite poderá levar o homem e a mulher a dois caminhos, isto é, ao fechamento ou a busca de Deus. No antigo testamento a doença é vista de alguma forma ligada ao pecado. Deus é aquele que restaura, traz salvação e cura.

A enfermidade e o sofrimento sempre estiveram entre os problemas mais graves da vida humana. Na doença, o homem experimenta sua impotência, seus limites e sua finitude. Toda doença pode nos fazer entrever a morte.

A enfermidade pode levar a pessoa à angústia, a fechar-se sobre si mesma e, às vezes, ao desespero e à revolta contra Deus. Também pode, no entanto, tornar a pessoa mais madura, ajudá-la a discernir em sua vida o que não é essencial, para voltar-se àquilo que é essencial. Não raro, a doença provoca a busca de Deus, um retorno a Ele.

O homem do Antigo Testamento vive a doença diante Deus. Diante de Deus, ele faz sua queixa sobre a enfermidade, e dele, o Senhor da vida e da morte, implora a cura. A enfermidade se torna caminho de conversão e o perdão de Deus dá início à cura. Israel chega a conclusão de que a doença, de forma misteriosa, está ligada ao pecado e ao mal e que a fidelidade a Deus, segundo sua Lei, dá a vida: “pois eu sou o Senhor que te cura” (Ex 15,26). O profeta entrevê que o sofrimento também pode ter um sentido redentor para os pecados dos outros (cf. Is 53,11). Isaías anuncia que Deus fará chegar para Sião um tempo em que toda falta será perdoada e toda doença será curada (cf. Is 33,24). (CIC 1500-1502)

Jesus cumpre a promessa feita a Isaías inaugurando um tempo de cura e restauração. Nesse sentido ele assume nossas mazelas no madeiro da Cruz e essa condição passa a ser Dele. Na parábola do juízo vemos isso expresso claramente e entre as realidades humanas assumidas por Cristo está também a doença.

LEIA MATEUS 25, 31-46

Jesus curou a muitos males, mas não a todos. As curas realizadas eram, e são, sinais que apontam para uma cura mais radical: *a vitória sobre o pecado e o império da morte eterna*.

Muitas vezes, Jesus pede aos enfermos que creiam. Serve-se de sinais para curar: saliva e imposição das mãos, lama e ablução. Os doentes procuravam trocá-lo, “porque dele saía uma força que curava a todos” (Lc 6,19). Também nos sacramentos Cristo continua a nos “tocar” para nos curar.

Comovido com tantos sofrimentos, Cristo não apenas se deixa tocar pelos doentes, mas assume suas misérias: Ele levou nossas enfermidades e carregou nossas doenças. Não curou todos os enfermos. Suas curas eram sinais da cinda do reino de Deus. Anunciavam uma cura mais radical: a vitória sobre o pecado e a morte por sua páscoa. Na cruz, Cristo tomou sobre si todo o peso do mal e tirou o “pecado do mundo” (Jo 1,29). A enfermidade não é mais do que uma consequência do pecado. Por sua paixão e morte na cruz, Cristo deu um novo sentido ao sofrimento que, doravante, pode nos configurar com Ele e nos unir à sua paixão redentora. (CIC 1504-1505)

Esta missão de Jesus é depois entregue aos discípulos que deverão cumprir fielmente o chamado do mestre. A história da igreja mostra que esse mandato de Cristo foi levado ao termo em cada tempo da história e a dois milênios se difunde a todos os povos.

LEIA MARCOS 6, 12-13

O Catecismo também nos traz a verdade de que muitos possuem um carisma específico de cura, operado por Deus da forma como o Espírito Santo deseja. No entanto, essas pessoas não são curandeiras ou livres na ação do próprio carisma, são instrumentos apenas. Nem todos serão curados, há um mistério nesta realidade.

O Espírito Santo dá a algumas pessoas um carisma especial de cura para manifestar a força da graça do ressuscitado. Todavia, mesmo as orações mais intensas não conseguem obter a cura de todas as doenças. Por isso, São Paulo deve aprender do Senhor que “basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força se realiza plenamente” (2Cor 12,9), e que os sofrimentos a suportar podem ter como sentido que “eu complete, na minha carne, o que falta às tribulações de Cristo em favor de seu Corpo que é a Igreja” (Cl 1,24). (CIC 1508)

O Sacramento

Tem como referência bíblica **Tiago 5, 15-14**. O Concílio de Trento afirma que ele foi deixado pelo próprio Cristo e ao longo da história passou a ser administrado aos agonizantes, no entanto, a Igreja afirma que este é um sacramento para os doentes, não, necessariamente só agonizantes.

A Igreja crê e confessa que existe, entre os sete sacramentos, um sacramento especialmente destinado a reconfortar aqueles que passam pela provação da enfermidade: a Unção dos Enfermos.

Esta unção sagrada dos enfermos foi instituída por Cristo nosso Senhor como um sacramento do Novo Testamento. Introduzido por Marcos, ele foi, própria e verdadeiramente, recomendado aos fiéis e promulgado por Tiago, apóstolo e irmão do Senhor.

Na tradição litúrgica, tanto no Oriente como no Ocidente, constam, desde a Antiguidade, testemunhos de unções de enfermos praticadas como óleo bento. No curso dos séculos, a Unção dos Enfermos foi sendo, cada vez mais, conferida exclusivamente aos agonizantes, Por causa disso, recebeu o nome de “Extrema-Unção”. Apesar desta evolução, a liturgia jamais deixou de orar ao Senhor para que o enfermo recobre a saúde, se tal convier à sua salvação. (CIC 1511-1512)

Quem pode receber este sacramento? Doentes graves.

Quem administra? Bispos e Presbíteros.

A Unção dos Enfermos não é um sacramento só daqueles que se encontram às portas da morte. Portanto, o tempo oportuno para receber a Unção dos Enfermos é certamente o momento em que o fiel começa a correr perigo de morte, por motivo de doença, debilitação física ou velhice.

Se um enfermo que recebeu a Unção dos Enfermos recobrar a saúde, pode em caso de recair em doença grave, receber de novo este sacramento. No decorrer da mesma enfermidade, este sacramento pode ser reiterado se a doença se agravar. Permite-se receber a Unção dos Enfermos antes de uma cirurgia de alto risco. O mesmo vale também para as pessoas de idade avançada, cuja fragilidade se acentua.

Só os sacerdotes (Bispos e presbíteros) são ministros da Unção dos Enfermos. É dever dos pastores instruir os fiéis sobre os benefícios deste sacramento. Os fiéis devem incentivar os doentes a chamar o sacerdote, para que lhes ministre este sacramento. Que os doentes se preparem para recebê-lo como boas disposições, como a ajuda de seu pastor e de toda a comunidade eclesial, que é convidada a cercar de modo especial os doentes com suas orações e atenção fraternas. (CIC 1514-1516)

Efeitos Produzidos pelo Sacramento

→ União a paixão de Cristo

→ Reconforto, paz e coragem

→ Perdão dos Pecados

→ Restabelecimento da saúde

→ Preparação para a Vida Eterna

7. Sacramento da Ordem

Com o matrimônio faz parte do grupo dos Sacramentos chamados **Sacramentos do Serviço da Comunhão**. Estes sacramentos são instrumentos para a salvação dos irmãos.

Dois outros sacramentos, a Ordem e o Matrimônio, estão ordenados à salvação de outrem. Se contribuem também para a salvação pessoal, isso acontece por meio do serviço aos outros. Conferem uma missão particular na Igreja e servem para a edificação do Povo de Deus. (CIC 1534)

O sacramento da ordem é a forma com que a graça de Cristo, dada aos apóstolos, permanece operante ao longo da história da Igreja.

A Ordem é o sacramento graças ao qual a missão confiada por Cristo a seus Apóstolos continua sendo exercida, na Igreja, até o fim dos tempos. É, portanto, o sacramento do ministério apostólico. Comporta três graus: episcopado, presbiterado, diaconato. (CIC 1536)

Este sacramento, presente na nova aliança, tem sinais prefigurativos na antiga aliança. Das 12 tribos de Israel, a de Levi era destinada a liturgia, com seus sacerdotes. No entanto, este sacerdócio era imperfeito. Em Cristo, toda imagem prefigurativa se cumpre perfeitamente. É importante salientar também que existe um único sacerdócio de Cristo e existem duas formas de participação no sacerdócio Dele: o *sacerdócio comum e o ministerial*.

Todas as prefigurações do sacerdócio da Antiga Aliança encontram seu cumprimento em Cristo Jesus, “um só mediador entre Deus e a humanidade” (1Tm 2,5). Melquisedec, “sacerdote de Deus Altíssimo” (Gn 14,18), é considerado pela Tradição cristã como prefiguração do sacerdócio de Cristo, único “sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedec” (Hb 5,10; 6,20), “santo, inocente, sem mancha” (Hb 7,26), que “com esta única oblação, levou à perfeição definitiva os que são por ele santificados” (Hb 10,14), isto é, pelo único sacrifício de sua cruz.

O sacrifício redentor de Cristo é único, realizado uma vez por todas. Não obstante, torna-se presente no sacrifício eucarístico da Igreja. O mesmo acontece com o único sacerdócio de Cristo: torna-se presente pelo sacerdócio ministerial, sem diminuir em nada a unicidade do sacerdócio de Cristo. Por isso, somente Cristo é o verdadeiro sacerdote; os outros são seus ministros.

Cristo, sumo sacerdote e único mediador, fez da Igreja “um reino de sacerdotes para seu Deus e Pai” (cf. Ap 1,6; 5,9-10; 1Pd 2,59). Toda comunidade dos fiéis é, como tal, sacerdotal. Os fiéis exercem seu sacerdócio batismal por meio de sua participação, cada qual segundo sua própria vocação, na missão de Cristo, Sacerdote, Profeta e Rei.

Pelos sacramentos do Batismo e da Confirmação, os fiéis são consagrados para formarem [...] um sacerdócio santo.

O sacerdócio ministerial ou hierárquico dos Bispos e dos presbíteros e o sacerdócio comum de todos os fiéis – embora ambos participem, cada qual a seu modo, do único sacerdócio de Cristo – diferem, entretanto, essencialmente, mesmo sendo ordenados um ao outro. Em que sentido? O sacerdócio comum dos fiéis se realiza no desenvolvimento da graça batismal, vida de fé, de esperança e de caridade, vida segundo o Espírito. O sacerdócio ministerial está a serviço do sacerdócio comum, refere-se ao desenvolvimento da graça batismal de todos os cristãos. É um dos meios pelos quais Cristo não cessa de construir e de conduzir sua Igreja, por isso, é transmitido por um sacramento próprio, o sacramento da Ordem. (CIC 1544-1547)

O Sacerdócio ministerial torna-se, então, a presença visível de Cristo que governa, servindo, o povo sacerdotal dos batizados e confirmados.

Pelo ministério ordenado, especialmente dos Bispos e dos presbíteros, a presença de Cristo como chefe da Igreja torna-se visível no meio da comunidade dos fiéis. Segundo a bela expressão de Santo Inácio de Antioquia, o Bispo é “*typos tou Patros*”, como a imagem viva de Deus Pai.

Esta presença de Cristo no ministro não deve ser compreendida como se este estivesse imune a todas as fraquezas humanas, ao espírito de dominação, aos erros e até aos pecados. A força do Espírito Santo não garante, de igual modo, todos os atos dos ministros. Nos sacramentos, esta garantia é assegurada, de tal forma que mesmo o pecado do ministro não pode impedir o fruto da graça, no entanto há muitos outros atos em que a conduta humana do ministro deixa traços que nem sempre são sinal de fidelidade ao Evangelho e que podem, por conseguinte, prejudicar a fecundidade apostólica da Igreja. (CIC 1549-1550)

Além de ser presença visível de Cristo no meio do povo sacerdotal de batizados, o sacerdócio ministerial age em nome de toda Igreja, oferecendo a Deus orações em favor do povo, principalmente a celebração eucarística.

A tarefa do sacerdócio ministerial não é apenas representar Cristo-Cabeça da igreja – diante da assembleia dos fiéis. Ele age também em nome de toda a Igreja, quando apresenta a Deus a oração da Igreja e, sobretudo, quando oferece o sacrifício eucarístico.

Em nome de toda a Igreja não quer dizer que os sacerdotes sejam os delegados da comunidade. A oração e a oferenda da Igreja são inseparáveis da oração e da oferenda de Cristo, sua Cabeça. Trata-se sempre do culto de Cristo na e por sua Igreja. É toda a Igreja, corpo de Cristo, que ora e se oferece, “*per ipsum et cum ipso et in ipso*” (por ele, com ele e nele), na unidade do Espírito Santo, a Deus Pai. Todo o corpo, “*caput et membra*” (cabeça e membros), ora e se oferece, e é por isso que aqueles que, no corpo, são especialmente os ministros são chamados de ministros não somente de Cristo, mas também da Igreja. É por representar Cristo que o sacerdócio ministerial pode representar a Igreja. (CIC 1552-1553)

O Sacramento da ordem possui três graus: *Episcopal, Presbiteral e Diaconal*. O **Epíscopo (Bispos)** são sucessores diretos dos apóstolos, que através da sucessão

apostólica receberam a mesma graça de Cristo deixada aos 12 primeiros. São estes os pastores por excelência e possuem a missão do governo, unidade, ensino etc. Os **Presbíteros (Padres)** são colaboradores dos Bispos e como os Bispos não podem exercer sua missão em todos os lugares de suas dioceses, ele delega essa missão aos Presbíteros. Os **Diáconos**, por sua vez, possuem um grau inferior da ordem com uma missão especial dada pelo Bispo, que é o de servir. Este serviço está destinado a todos, isto é, aos bispos e presbíteros servindo aos divinos mistérios sacramentais e a todo povo através da caridade. É importante salientar que só o bispo pode ordenar outros bispos, presbíteros e diáconos.

Foi Cristo quem escolheu os Apóstolos, os fazendo participar de sua missão e autoridade. Elevado à direita do Pai, Ele não abandonou seu rebanho, mas o guarda, por meio dos Apóstolos, sob sua constante proteção, e o dirige pelos mesmos pastores que continuam até hoje sua obra. É Cristo, portanto, que concede a uns serem apóstolos, a outros pastores. Ele continua agindo por intermédio dos Bispos. Como o sacramento da Ordem é o sacramento do ministério apostólico, cabe aos Bispos, como sucessores dos Apóstolos, transmitir o dom espiritual, a semente apostólica. Os Bispos validamente ordenados, isto é, que estão na linha da sucessão apostólica, conferem validamente os três graus do sacramento da Ordem. (CIC 1575-1576)

Sobre o celibato obrigatório aos Bispos e Presbíteros recomendamos ler **CIC 1579 até 1580.**

Efeitos do Sacramento da Ordem

→ Caráter Indelével

→ Graça especial do Espírito Santo

8. Sacramento do Matrimônio

Junto com o Sacramento da Ordem faz parte dos chamados **Sacramentos do Serviço da Comunhão**. É uma instituição sagrada pois elevado por Deus a condição de sacramento. Do início ao fim das escrituras vemos referências a união entre homem e mulher.

LEIA GÊNESIS 2, 18ss

LEIA APOCALIPSE 19, 7

Podemos observar em Gênesis que o matrimônio está impresso na alma humana desde a criação, ou, pelo menos, o desejo de dar-se a outro que lhe seja correspondente. Este outro correspondente foi dado por Deus, por isso segundo a ordem da criação, homem e mulher tendem um ao outro, complementando-se. No entanto, o pecado de nossos primeiros pais – *Adão e Eva* – desordenou esta disposição de amar e muitas chagas surgiram: discórdias, espírito de dominação, infidelidade, ciúmes etc. Assim, o pecado que originalmente é uma ruptura com Deus faz acontecer também uma ruptura com o outro.

A íntima comunhão de vida e de amor conjugal, estabelecida pelo Criador e estruturada com leis próprias, é constituída pelo pacto conjugal [...] Deus mesmo é o autor do matrimônio. A vocação para o Matrimônio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, tal qual saíram da mão do Criador. O casamento não é uma instituição simplesmente humana, apesar das inúmeras variações que sofreu, no curso dos séculos, nas diferentes culturas, estruturas sociais e atitudes espirituais. Essas diversidades não devem levar ao esquecimento dos traços comuns e permanentes. Ainda que a dignidade desta instituição não transpareça em toda parte com a mesma clareza, existe, contudo, em todas as culturas, certo sentido da grandeza da união matrimonial. A salvação da pessoa e da sociedade humana está estreitamente ligada ao bem-estar da comunidade conjugal e familiar.

Deus, que criou o homem por amor, também o chamou para o amor, vocação fundamental e inata de toda ser humano, pois o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, que é Amor. Tendo-os Deus criado homem e mulher, seu amor mútuo se torna uma imagem do amor absoluto e indefectível de Deus pelo homem. Esse amor é bom, muito bom, aos olhos do Criador, que “é amor” (1Jo 4,8-16). Esse amor abençoado por Deus é destinado a ser fecundo e a se realizar na obra comum de preservação da criação: “Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a” (Gn 1,28).

Que o homem e a mulher tenha sido criados um para o outro, a Sagrada Escritura o afirma: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2,18). A mulher, carne de sua carne, é igual a ele, bem próxima dele, lhe foi dada por Deus como um auxílio, representado, assim, Deus, em quem está o nosso socorro. “Por isso deixará o homem o pai e a mãe, e se unirá à sua mulher, e eles serão uma só carne” (Gn 2,24). O próprio Senhor nos mostra que isto significa uma unidade indefectível de suas duas vidas, lembrando qual

foi, “desde o princípio”, o desígnio do Criador (cf. Mt 19,4): “De modo que eles já não são dois, mas uma só carne” (Mt 19,6).

Todo homem sofre a experiência do mal, à sua volta e em si mesmo. Esta experiência também se faz sentir nas relações entre o homem e a mulher. Sua união sempre foi ameaçada pela discórdia, pelo espírito de dominação, pela infidelidade, pelo ciúme e por conflitos que podem chegar ao ódio e à ruptura. Essa desordem pode se manifestar de maneira mais grave ou menos grave, e pode ser mais superada ou menos superada, segundo as culturas, as épocas, os indivíduos. Tais dificuldades, no entanto, parecem ter caráter universal.

Segundo a fé, essa desordem, que dolorosamente constatamos, não vem da natureza do homem e da mulher, nem da natureza de suas relações, mas do pecado. Tendo sido uma ruptura com Deus, o primeiro pecado tem, como primeira consequência, a ruptura da comunhão original do homem e da mulher. Suas relações começa, a ser deformadas por acusações recíprocas. Sua atração mútua, dom do próprio Criador, transforma-se em relações de dominação e de cobiça. A bela vocação do homem e da mulher para ser fecundos, multiplicarem-se e sujeitarem a terra é onerada pelas dores de parto e pelo suor do ganha-pão. (CIC 1603-1607)

Na antiga aliança a poligamia dos patriarcas e reis, assim como o divórcio, eram aceitos devido a dureza dos corações, incapazes de aceitar a exigência da unidade conjugal. Com os profetas a ideia de matrimônio começa a ser lapidada no coração do povo e o caráter indissolúvel, exclusivo e fiel vai surgindo de forma mais clara, pois estes profetas viam o amor conjugal como imagem do amor de Deus pelo povo eleito.

Examinando a aliança de Deus com Israel sob a imagem de um amor conjugal exclusivo e fiel, os profetas prepararam a consciência do povo eleito para a compreensão mais profunda da unicidade e da indissolubilidade do matrimônio. Os livros de Rute e de Tobias dão testemunhos comoventes do elevado sentido do casamento, da fidelidade e da ternura dos esposos. A Tradição sempre viu no Cântico dos Cânticos uma expressão única do amor humano, visto que é reflexo do amor de Deus, amor “forte como a morte”, que “as águas torrenciais não puderam extinguir” (Ct 8,6-7). (CIC 1611)

Em Cristo o Matrimônio chega a plenitude. Na Cruz o matrimônio passa a ser sinal perene da entrega e do Amor Esposal de Deus pela humanidade.

Em sua pregação, Jesus ensinou sem equívoco o sentido original da união do homem e da mulher, conforme quis o Criador desde o começo. A permissão de repudiar a própria mulher, concedida por Moisés, era uma concessão devida à dureza do coração; a união matrimonial do homem e da mulher é indissolúvel, pois Deus mesmo a ratificou: “O que Deus uniu, o homem não separe” (Mt 19,6).

É provável que esta insistência sem equívoco na indissolubilidade do vínculo matrimonial deixasse as pessoas perplexas e aparecesse como uma exigência irrealizável. Todavia, isso não quer dizer que Jesus tenha imposto um fardo impossível de carregar e pesado demais para os ombros dos esposos, mais pesado que a Lei de Moisés. Como Jesus veio para restabelecer a ordem inicial da criação, perturbada pelo pecado, ele mesmo dá a força e a graça para viver o casamento na nova dimensão do Reino de Deus. Seguindo a Cristo, renunciando a si mesmos e tomando cada um sua cruz, os esposos poderão compreender o sentido original do casamento e vivê-lo com

a ajuda de Cristo. Esta graça do Matrimônio cristão é um fruto da cruz de Cristo, fonte de toda vida cristã. (CIC 1614-1615)

Todos são chamados a união conjugal?

Podemos dizer, apoiados na escritura, que na ordem da criação sim. No entanto, também segundo a escritura, Deus chamou alguns para estar com o cordeiro onde Ele está, este é o caso da virgindade consagrada.

Cristo é o centro de toda a vida cristã. O vínculo com Ele está em primeiro lugar, na frente de todos os outros vínculos, familiares ou sociais. Desde o começo da Igreja, houve homens e mulheres que renunciaram ao grande bem do Matrimônio para seguir o Cordeiro onde quer que fosse; para se ocupar com as coisas do Senhor; para procurar agradar-lhe; para ir ao encontro do Esposo que vem. O próprio Cristo convidou alguns para segui-lo neste modo de vida, cujo modelo continua sendo ele mesmo:

“De fato, existem eunucos que nasceram assim do ventre materno; outros foram feitos eunucos por mão humana; outros, ainda, tornaram-se eunucos por causa do Reino dos Céus. Quem puder entender, entenda” (Mt 19,12). (CIC 1618)

LEIA APOCALIPSE 14, 1-4

Quem administra o Sacramento?

São os esposos os ministros deste sacramento, desta forma o celebrante apenas testemunha o sacramento, sendo um sinal de unidade dos esposos com a Igreja de Cristo, abençoando em nome da Igreja e de Deus, validando por sua vez o sacramento por ser uma realidade eclesial.

Segundo a tradução latina, são os esposos que, como ministros da graça de Cristo, se conferem mutuamente o sacramento do Matrimônio, expressando diante da igreja seu consentimento. Nas tradições das Igrejas Orientais, os sacerdotes, Bispos ou presbíteros, são testemunhas do consentimento recíproco dos esposos, no entanto também é necessária sua bênção para a validade do sacramento. (CIC 1623)

O sacerdote (ou o diácono) que assiste à celebração do Matrimônio acolhe o consentimento dos esposos em nome da Igreja e dá a bênção da Igreja. A presença do ministro da Igreja (e também das testemunhas) exprime visivelmente que o casamento é uma realidade eclesial. (CIC 1630)

Para que se realize o sacramento do matrimônio é necessário haver consentimento e liberdade, entre ambos que se entregarão mutuamente em vista da missão a que Deus os chamou.

Os protagonistas da aliança matrimonial são um homem e uma mulher batizados, livres para contrair o Matrimônio e que expressam livremente seu consentimento. “Ser livre” quer dizer:

– não sofrer constrangimento;

– não ser impedido por uma lei natural ou eclesiástica.

A Igreja considera a troca de consentimento entre os esposos como elemento indispensável que produz o matrimônio. Se faltar o consentimento, não há casamento.

O consentimento consiste num ato humano pelo qual os cônjuges se doam e se recebem mutuamente: “Eu te recebo por minha mulher...” – “Eu te recebo por meu marido...”. Este consentimento que liga os esposos entre si encontra seu cumprimento no fato de os dois se tornarem uma só carne.

O consentimento deve ser um ato da vontade de cada um dos contraentes, livre de violência ou de medo grave externo. Nenhum poder humano pode suprir esse consentimento. Se faltar esta liberdade, o casamento será inválido. (CIC 1625-1628)

O Amor conjugal deve ser Uno, Indissolúvel e Fiel, isso porque ele é imagem do amor de Deus pela humanidade. Este sacramento, como imagem do amor total de Cristo deve estar aberto a vida e a fecundidade. Por fim, a família é a chamada **igreja doméstica**, em que os pais são os pastores do lar, os primeiros-ministros da fé para seus filhos.

Pela sua própria natureza, a instituição matrimonial e o amor conjugal estão ordenados à procriação e à educação dos filhos, que constituem o ponto alto da sua missão e a sua coroa.

Os filhos são o dom mais excelente do Matrimônio e contribuem grandemente para o bem dos próprios pais. Deus mesmo disse: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2,18), e “desde o princípio os fez homem e mulher” (Mt 19,4). Querendo conferir ao homem participação especial em sua obra criadora, abençoou o varão e a mulher dizendo: “Sede fecundos e multiplicai-vos” (Gn 1,28). Disto deriva que o cultivo do verdadeiro amor conjugal a toda e estrutura da vida familiar que daí provêm, sem desprezar os outros fins do Matrimônio, tendem a dispor os cônjuges a cooperar corajosamente com o amor do Criador e do Salvador que, por intermédio dos esposos, quer incessantemente aumentar e enriquecer sua família.

A fecundidade do amor conjugal se estende aos frutos da vida moral, espiritual e sobrenatural que os pais transmitem a seus filhos pela educação. Os pais são os principais e os primeiros educadores de seus filhos. Neste sentido, a tarefa fundamental do Matrimônio e da família é estar a serviço da vida.

Os esposos a quem Deus não concedeu ter filhos podem, no entanto, ter uma vida conjugal cheia de sentido, humana e cristãmente. Seu Matrimônio pode irradiar fecundidade de caridade, acolhimento e sacrifício. (CIC 1652-1654)

BIBLIOGRAFIA

Bíblia de Jerusalém

Bíblia da CNBB 2019

Catecismo da Igreja Católica